

O FLUXO

Aos 26 anos, Silvia era uma jovem bonita e atraente. Seus 74 quilos, harmoniosamente distribuídos em 1,68 mts. de altura tornavam-na objeto de desejo de muitos. A pele morena contrastava com os cabelos longos e naturalmente castanhos claros. Os olhos verdes coadunavam perfeitamente com seu rosto simétrico, cuja característica principal era os lábios carnudos que antecediam dentes brancos e perfeitos.

Até o ensino médio ela não se destacara como aluna, mas isso não a impediu de prestar vestibular numa universidade particular na cidade de São Paulo, a mais de 2.500 kms. de Pernambuco, sua terra natal.

Foram cinco anos no curso de Enfermagem e mais um tanto de espera para a tão sonhada promoção de técnica de enfermagem à enfermeira. Era osso! Os horários de trabalho esdrúxulos e os plantões contínuos e cumulativos incidiriam inevitavelmente num efeito “bomba-relógio”.

O corpo aguentava, mas o mesmo não ocorria com a mente. O temor de cometer algum erro a deixava numa constância entre tensão e impaciência. Daí a fazer uso de psicotrópico disponível no hospital configurou processo relativamente rápido.

O Metilfenidato encontrado na Ritalina permitia que ela coordenasse um grupo de dezenove funcionários, entre técnicos e auxiliares de enfermagem; e Silvia memorizava o que havia designado a cada colaborador. A auxiliar de enfermagem Suzane, novata e bajuladora ao extremo, indagava-lhe sempre que podia:

– Nossa Silvia, como você consegue trabalhar tantas horas sem perder o gás?

– Guaraná em pó e ginseng todas as manhãs, respondia ela, receosa de que notassem suas pupilas dilatadas pela Ritalina.

Num curto período de tempo o estimulante não mais surtia o mesmo efeito e pequenas falhas costumavam ocorrer, mas o destino lhe foi feliz e amargamente traiçoeiro numa madrugada de sábado.

Um jovem motoqueiro inconsciente adentrou a emergência com fratura exposta nas duas pernas. Experiente e munida de tesoura, Silvia dilacerou a indumentária que cobria os membros inferiores, ao tempo em que os médicos plantonistas da ortopedia iniciavam os procedimentos iniciais de emergência.

Na vestimenta do recém-chegado Silvia encontrou cinco embalagens plásticas pequenas e estranhas; sem alarde colocou-as na algibeira de seu jaleco. Fácil perceber que se tratava de cocaína.

Às 01h45 daquele sábado, sentada na tampa da privada no sanitário exclusivo de médicos e enfermeiros, seu coração batia rápido; faltavam seis horas e quinze minutos para terminar o plantão, mas Silvia sentia-se exausta.

7

– Talvez apenas um pouquinho não me faça mal, pensou tentando justificar um posicionamento que sabia não ser profissional.

O cansaço ecoou contundente e a tampinha de sua caneta foi implacável ao transportar o pó branco até sua narina direita. Bastou uma inspiração mais forte e seu cérebro passou a processar tudo com uma rapidez que nunca antes provara.

Silvia conseguia atentar-se a tudo que ocorria ao seu redor; a auxiliar aplicando uma dosagem de medicamento intramuscular foi advertida por não usar luvas; o técnico que falava alto próximo aos leitos foi cobrado a baixar a voz. Três visitas ao sanitário privativo fizeram com que as horas faltantes para o término de seu plantão parecessem minutos.

Na quarta-feira seguinte, às 03h22, seu último papelote terminou e um misto de decepção com frustração tomou conta de seu ser, mas ela sabia que próxima de sua casa havia uma “biqueira”. Ao caminho do trabalho na noite seguinte comprou um pouco da droga de um rapaz que aparentava não ter mais que doze anos de idade.

Sentiu-se impotente por fomentar uma situação de violência contra uma criança e amedrontada por experimentar um contexto em que poderia ser flagrada comprando drogas. Nada de grave ocorreu e a prática continuou por três meses, até que uma operação policial culminou na prisão de todos os seus “fornecedores”.

Seu mundo caiu, posto que desconhecia outro local onde pudesse adquirir o pó que a tornava tão desperta e competente profissionalmente, mas Silvia ficou à espreita na entrada de emergência até que duas mulheres adentraram acompanhando uma senhora dirigida numa cadeira de rodas.

A primeira trajava shorts jeans muito curto, que expunha suas coxas grossas e ornamentadas em algumas partes por tatuagens de gosto duvidoso. Sua miniblusa contribuía para a exposição de um abdômen avantajado, que chamava menos atenção que os seios fartos e quase totalmente à mostra.

A sandália surrada denotava que há muito carecia de substituição.

A segunda, mais discreta em termos de vestimenta, destacava-se pelo alto tom de voz e pelos erros crassos no trato com a língua portuguesa, o que possibilitava inferir que nunca tivera contato com a linguagem culta. Tanto que sem a menor cerimônia ou timidez disse aos brados:

– Minha mãe tá com pobrema de pressão e elas num atende, esbravejou dirigindo-se aos presentes na sala de espera, numa nítida intenção pressionar as recepcionistas, alvos do escólio.

Magrinha e pequenina, não convencia ninguém com aquela intrepidez e ousadia, mas bastou seu próximo comentário para estarrecer a todos.

– O negócio é passar a navalha na cara delas porque só assim elas vão vê o minha mãe tem.

Pronto! Era o que Silvia precisava. Alguém com baixo nível de instrução e aparentando viver um cotidiano violento, o que permitia imaginar que as duas poderiam conhecer alguém pertencente ao universo do tráfico. Ela estava certa, pois uma abordagem rápida e discreta após o atendimento médico daquela senhora possibilitou conseguir o celular da valentona.

Na primeira investida seu sangue parecia que congelaria de pavor. Conduzir seu automóvel até aquele local relegado à pobreza e violência era totalmente imprudente, mas dirigir até o bairro Ioropoque para buscar drogas se tornou uma constante.

Tudo mudou no dia em que o traficante a convidou para entrar, o que Silvia aceitou por educação e temendo mostrar posicionamento grosseiro.

– Fique sussa que tá suave, disse aquele homem pardo, alto e obeso, trajando apenas bermuda de malha que se mostrava insuficiente para cobrir-lhe o traseiro, deixando quase à mostra um par de nádegas peludas e impassíveis, em sua opinião, de despertar o desejo sexual em quem quer que fosse.

8

Na sala minúscula o chão ainda estava no contrapiso e as paredes não eram pintadas, apenas rebocadas. As entradas dos dois quartos eram protegidas por cortinas feitas de lençóis de solteiro, contrastantes em cores e texturas. Da cozinha via-se apenas uma pia com painéis imundas e louça suja acumulada.

O sofá da sala era coberto por uma manta de lã cinza, desbotada e cheirando a mofo; os pés do estofado eram improvisados com tijolos baianos. Numa das duas poltronas havia uma moça que parecia não notar sua presença, como se estivesse numa espécie de transe ou surto psicótico.

A cortina do quarto balançou e o traficante veio em sua direção com vários papelotes de cocaína na mão direita. Em seu antebraço se via uma tatuagem de Nossa Senhora Aparecida, mas apenas os contornos, sem preenchimento e aparentando ter sido desenhada por alguém com poucos conhecimentos de arte epitelial.

– Dá um pega pra ela aí Monique, disse aquele sujeito em tom autoritário.

Monique pegou um cachimbo improvisado, colheu as cinzas de cigarro acumuladas num copo engordurado, as quais depositou sobre o corpo daquele artefato. Em seguida colocou uma pedra amarelada sobre as cinzas e ofereceu à Silvia, que novamente por receio de ser grosseira aceitou.

– Agora você puxa a fumaça e prende a respiração, disse Monique aproximando-se com um isqueiro aceso e encostando a chama na pedra.

Silvia assim procedeu e sentiu um choque em seu cérebro. A sala começou a girar ao seu redor, mas lentamente foi se ajeitando, como se sua visão tivesse sido comprometida por alguns segundos; ela experimentara pela primeira vez os efeitos da labirintite, distúrbio do ouvido que havia sido objeto de estudo em sua monografia de conclusão de curso.

Entorpecida, ela comprou cinco papelotes, mas antes de sair foi “presenteada” com o mesmo número em pedras e agraciada com aquele cachimbo improvisado, composto de canudo de metal e uma rodela de cano de PVC fechado com resina epóxi. Tudo foi proposital, mas Silvia não notou o esquema por trás daquela bondade “espontânea”.

Silvia foi para casa, mas antes comprou um isqueiro e um maço de cigarros, cuja marca pouco lhe importava, contanto que pudesse resultar em cinzas. Passou a noite fumando aquelas pedras e não foi trabalhar no dia seguinte. Seu celular tocava insistentemente, mas ela não atendia. Seu pensamento estava concentrado em como conseguir mais daquelas “pedras preciosas”.

Às 14h03 daquela quinta-feira os papelotes de cocaína continuavam sobre a mesa da cozinha, mas aquele tipo de droga não mais lhe interessava. Dirigiu seu carro até um caixa eletrônico, retirou seu saldo integral de setecentos reais e voltou ao Ioropoque. Retornou para casa com um tablete considerável de crack, o qual quebrou em dezenas de pequenas pedras e passou oito dias em seu quarto, sem atender o telefone ou à campanha. Foi muito reconfortante quando a vizinha disse a alguém:

– Acho que ela viajou pra Pernambuco porque não a vejo há mais de uma semana.

Ações básicas de higiene como tomar banho ou escovar os dentes passaram a ser negligenciadas por Silvia. Sua última refeição fora realizada há dias e consistiu numa fina fatia de pão caseiro coberta por requeijão cremoso, mas sua ansiedade era pelo fato de que o “tablete poderoso” estava findando.

No banco traseiro do carro ela depositou o laptop e a TV de 40 polegadas, ainda não totalmente paga. No Ioropoque, o mesmo traficante que a introduziu ao crack notou sua situação de dependência.

– Dessa vez eu vou aceitar, mas da próxima só com dinheiro, disse ao fornecer à Silvia uma porção de pedras que qualquer leigo notaria não ser justa em relação aos eletrônicos dados em

9

contrapartida.

Foram mais quatro dias de autodestruição e o celular continuava a tocar, sem qualquer chance de ser atendido. As chamadas cessaram e Silvia já sabia que sua situação profissional estava desembocando em abandono de emprego. Ela, porém, só pensava em conseguir mais crack. O limite do cheque especial estava esgotado e lá se foi o celular de última geração. Em seguida foi carro com o recibo de venda assinado. Silvia perdera totalmente a noção do tempo e do valor monetário dos bens que possuía. Ela sabia que estava sendo deliberadamente explorada pelo traficante, mas o importante era curtir as pedras e nada mais importava.

Numa tarde, perdida no tempo, tudo mudou para Silvia quando ela ouviu conversas envolvendo seu nome do lado de fora de seu portão; um fio de esperança surgiu.

– Acho que são meus pais que vieram de Pernambuco para me buscar, pensou.

Ledo engano! O portão foi estreguido e um funcionário da imobiliária exigia uma ordem despejo imediato. Ela mal teve tempo de vestir uma roupa adequada e a mão firme daquele homem em seu braço direito foi o que mais a chocou.

– A senhora já recebeu quatro enfianças de aluguel atrasado e não respondeu nenhuma, disse aquele rapaz novo e cheiroso enquanto a empurrava portão afora.

Ela conseguiu correr para dentro de casa e pegar o pouco de crack que restava, bem como o cachimbo, mas foi abruptamente impelida para fora de sua casa, que agora estava numa situação lamentável de sujeira e acúmulo de lixo. Ela caiu na calçada e suas pedras espalharam-se no asfalto, mas de joelhos ela recolheu uma a uma sob os olhares estarrecidos e reprovadores dos vizinhos, que outrora eram amigos, mas agora a julgavam com comentários nada solidários.

Silvia passou a perambular pelo bairro, já sem posse das pedras que preenchiam seu cotidiano de esquecimento dos problemas; elas foram consumidas com cigarros pedidos a transeuntes estranhos. Passou a se oferecer sexualmente para desconhecidos, mas sem lograr sucesso, posto que seu corpo agora tinha aproximadamente 45 quilos; seus cabelos estavam desganhados e engordurados; suas costelas à mostra; seus dentes e dedos amarelados pela fumaça tóxica do crack; o odor de suor que seu corpo exalava causava repulsa àqueles de quem se aproximava.

Silvia, num dos raros momentos de lucidez, lembrou-se das matérias jornalísticas que abordavam a questão da “cracolândia”. Decidida, ela caminhou doze quilômetros em direção àquele possível refúgio e chegou ao centro da cidade de São Paulo.

Nas imediações da Estação Júlio Prestes havia tensão no ar; viaturas de polícia, policiais em defensiva, sirenes, bombas de gás lacrimogêneo, correria, gritos, enfim, uma violenta operação policial estava sendo realizada no local. Os dependentes químicos corriam na direção da Praça Princesa Isabel.

Aquela situação de tensão não a deixou abalada e sequer intimidada; nada mais importava, pois agora ela estaria junto de seus semelhantes; ela sentia-se internamente reconfortada; não haveria mais julgamento ou críticas, nem compromissos ou insultos.

Silvia, numa calma desprovida de serenidade, simplesmente seguiu o fluxo.